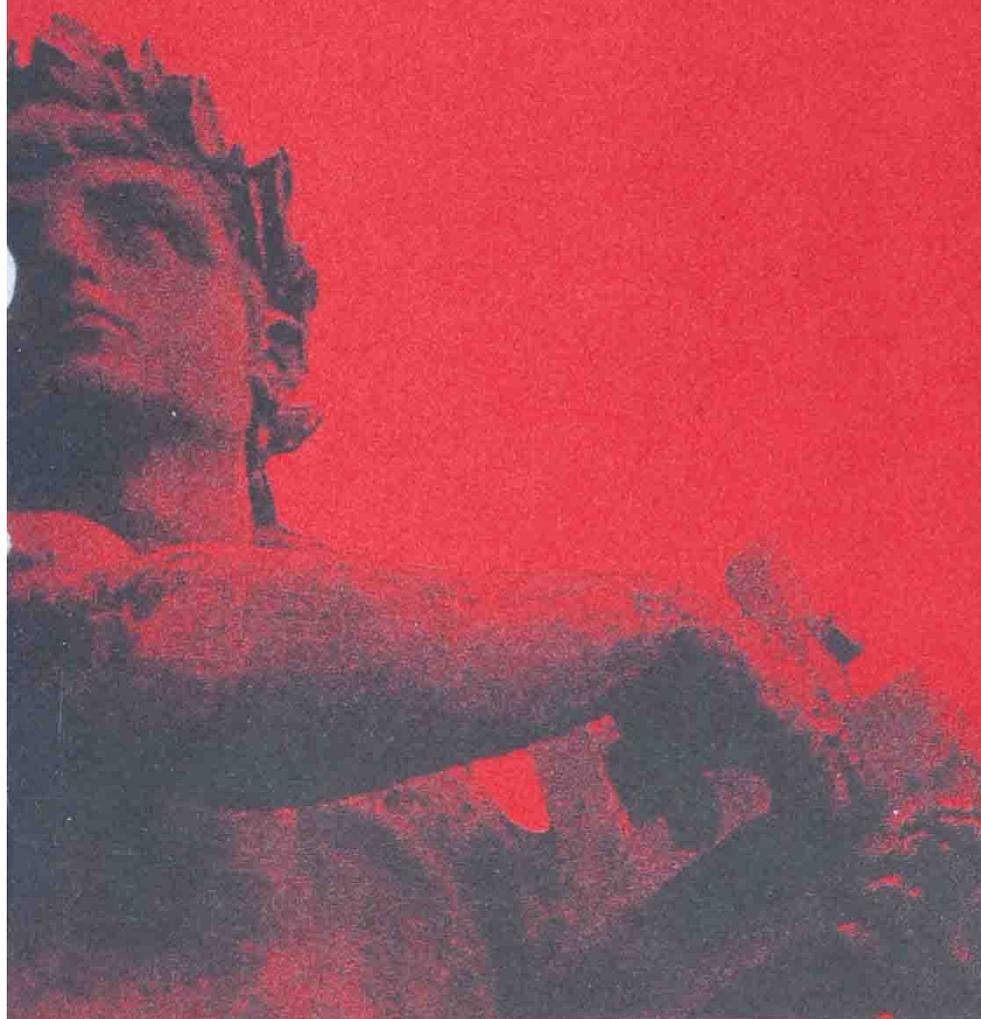


SOCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA



Akademie für Alte Musik Berlin  
Michael Chance *Contratenor*

Concerto extraordinário 24 de junho de 2004, 21h

**A Sociedade de Cultura Artística agradece o apoio  
que vem recebendo do Jornal O Estado de S. Paulo  
desde 1912, ano de nossa fundação.**

**Agradecimentos aos Patrocinadores oficiais da  
Temporada 2004.**

**BOVESPA**  
*A Bolsa do Brasil*

**CBLC**  
Companhia Brasileira  
de Liquidação e Custódia



**Votorantim**

**Safra**  
Instituto Cultural

*Telefônica*

apoio institucional  
Prefeitura do  
Município de  
São Paulo  
Lei 10.923/90



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA  
MINISTÉRIO  
DA CULTURA



SOCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA

Akademie für  
Alte Musik Berlin

Michael Chance

*Contratenor*

SOCA

# Akademie für Alte Musik Berlin

A história da *Akademie für Alte Musik Berlin* (Academia de Música Antiga de Berlim) teve início no ano de 1982, quando jovens integrantes de diversas orquestras da cidade de Berlim Oriental reuniram-se num conjunto orquestral autônomo para fazer música barroca e renascentista em instrumentos de época. Colocado, de início, algo à margem da cena musical institucionalizada, o grupo de jovens musicistas logrou dar impulso decisivo aos esforços, até a época tímidos, para mostrar esse repertório, com fidelidade de estilo e em instrumentos antigos, na então Alemanha Oriental.



Em 1984, apenas dois anos após sua formação, a *Akademie für Alte Musik Berlin* passou a organizar e realizar temporadas regulares de concertos na *Berliner Konzerthaus*, antiga *Schauspielhaus*, localizada no *Gendarmenmarkt*, e em 1986 seus músicos já se apresentavam como Artistas Convidados no Festival de Música Antiga que, à época, a *Westdeutscher Rundfunk*, rádio estatal alemã, começava a promover na cidade de Herne. Desde a queda do muro de Berlim, em 1989, a *Akademie für Alte Musik Berlin* tem empreendido regularmente turnês internacionais de concertos, que já levaram a Orquestra a tocar em algumas das

melhores salas de música de Viena, Paris, Zurique, Londres e Bruxelas, bem como em importantes cidades do Oriente Médio, do Japão e do sudoeste da Ásia.

Sob a regência de René Jacobs, colaborador frequente do grupo, a *Akademie* também se apresenta com regularidade na *Berliner Staatsoper*, em produções líricas que vêm despertando crescente atenção internacional não apenas por sua altíssima qualidade, mas também por contemplar títulos pouco encenados, como o *Orpheus* de Telemann, o *Croesus* de Reinhard Keiser e a *Griselda* de Alessandro Scarlatti. Outra parceria artística a ser destacada é a que tem aproximado cada vez mais a *Akademie für Alte Musik* do regente, pianista e professor Marcus Creed e seu Coro de Câmara, o *RIAS*, sediado em Berlim.

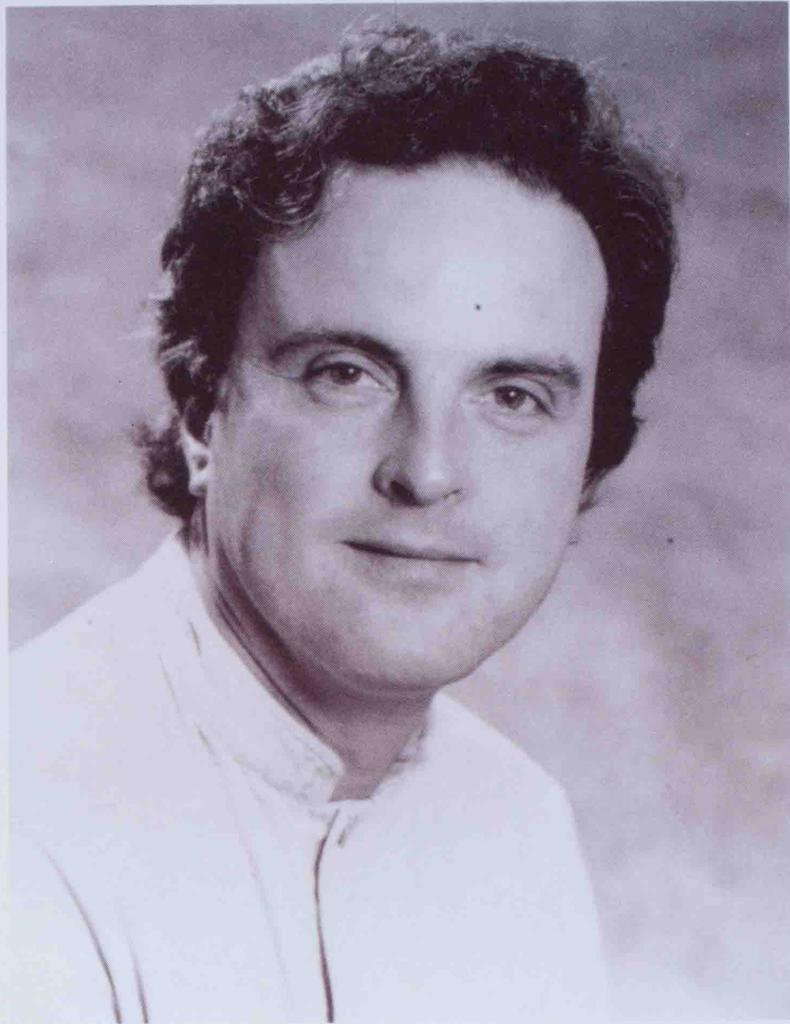
Desde sua primeira apresentação no *Wigmore Hall* de Londres, em dezembro de 1999, a *Akademie* tem sido também parceira constante da *mezzo-soprano* Cecilia Bartoli. No outono europeu de 2001, a *Decca* lançou o álbum *Árias Italianas de Gluck*, em que Cecilia é acompanhada pela *Akademie für Alte Musik Berlin*. Em 2002, um concerto comemorativo na *Konzerthaus* de Berlim festejou os vinte anos de atividades do grupo, bem como sua colaboração regular de uma década com o Coro de Câmara *RIAS* e seu regente, Marcus Creed. Ainda em 2002, a *Akademie* acompanhou Cecilia Bartoli por oca-

sião da entrega do Prêmio Bambi à artista romana, em espetáculo televisionado para uma audiência de mais de seis milhões de espectadores.

Paralelamente a suas temporadas de concertos e apresentações líricas, a *Akademie für Alte Musik Berlin* vem ainda registrando extensa e elogiada discografia. A primeira gravação do grupo deu-se no ano de 1987, com lançamento simultâneo nas então República Democrática da Alemanha, pelo selo *Eterna*, e República Federal da Alemanha, pelo selo *Capriccio*. A essa estréia seguiram-se diversos outros CDs, registrados para os selos *Capriccio* e *Berlin Classics*. A partir de 1994, a *Akademie für Alte Musik Berlin* passou a gravar com exclusividade para o selo francês *harmonia mundi*. A discografia da *Akademie* tem sido agraciada com diversos e prestigiosos prêmios do mundo do disco, dentre os quais se destacam o *Deutscher Schallplattenpreis* (na Alemanha), o *Diapason d'Or* e o *Cannes Classical Award* (na França), o *Gramophone Award* (na Inglaterra), o *Edison Award* (na Holanda), e uma indicação, em 2000, para concorrer pela primeira vez ao *Grammy Award*.

Dentre os projetos vindouros da *Akademie für Alte Musik Berlin* destacam-se uma nova produção de *O Rapto do Serralho*, de Mozart, sob regência de Jos van Immerseel, e a estréia norte-americana do conjunto, no *Carnegie Hall* de Nova Iorque.

Fonte: <http://www.akamus.de/biography.htm>



---

**Michael Chance** *Contratenor*

O britânico Michael Chance firmou-se, já há algum tempo, como um dos melhores contratenores do mundo em todas as áreas do canto escrito para sua voz: ópera, música de câmara, cantatas e oratórios. Diplomado em Letras pelo *King's College* de Cambridge, de cujo coral era membro, estudou canto com Rupert Lockhart. Sua estréia operística se deu no Festival de Buxton, a que se seguiram apresentações em Lyon e Colônia e três temporadas na Ópera de Kent. Depois disso, já cantou na Ópera de Sydney, no *Teatro Colón* de Buenos Aires, no *Scala* de Milão, no *Covent Garden* de Londres, na Ópera de Munique, em im-

portantes teatros de Lisboa, Oviedo, Paris e Amsterdã, bem como em Glyndebourne e com a *English National Opera*.

Do repertório operístico do artista destacam-se os papéis-título de *Orfeo*, *Giustino* e *Ascanio in Alba*, e partes solistas em obras como *L'Incoronazione di Poppea*, *Semele*, *Tamerlano*, *Giulio Cesare*, *A Midsummer Night's Dream* e *Death in Venice*. Presença constante nos mais prestigiosos festivais internacionais de música, Chance tem-se apresentado também como solista de concerto nas melhores salas de música do mundo, como o *Carnegie Hall* de Nova Iorque, o *Concertgebouw* de Amsterdã, a *Musikverein* de Viena, a *Neue Gewandhaus* de Leipzig e a Sala da Filarmônica de Berlim.

Colaborador freqüente do conjunto de música antiga *Fretwork*, com o qual realizou turnê ao Japão e aos Estados Unidos, o artista vem participando também de produções para a TV, dentre as quais se destacam títulos como *A Night at the Chinese Opera*, *Death in Venice* e *The Fairy Queen*, óperas de Monteverdi, com a Ópera da Holanda, *Poppea*, com a *Welsh National Opera*, e um elogiado *Messias* de Haendel, realizado em Dublin, sob regência de Neville Marriner. Dentre os compromissos recentes do cantor destacam-se ainda apresentações da *Paixão Segundo São João* de Bach, primeiramente no *BBC Proms*, e depois com a Sinfônica de Birmingham e com a Filarmônica de Ber-

lim, regidas por Simon Rattle, bem como com a *Orchestra of the Age of Enlightenment*.

Michael Chance é autor de extensa, diversificada e elogiada discografia. Agraciado com um *Grammy Award* por sua participação em *Semele* de Haendel, com John Nelson e Kathleen Battle, o cantor tem trabalhado seguidamente com John Eliot Gardiner – com quem gravou as *Paixões*, várias *Cantatas* e a *Missa em Si menor*, de Bach, as óperas *Orfeo* e *L'Incoronazione di Poppea*, de Monteverdi, e *Jeptha*, *Tamerlano* e *Agrippina*, de Haendel –, e já colaborou com regentes como Trevor Pinnock, Franz Bruggen, Ton Koopman e Nicholas McGegan.

Paralelamente às abordagens sempre irretocáveis que oferece do repertório mais conhecido para contratenor, Michael Chance, desde o início de sua carreira, tem procurado ampliar esse repertório, estimulando compositores de nosso tempo – como Richard Bennett, Alexander Goehr, Tan Dun, Anthony Powers, John Tavener e Elvis Costello – a escrever obras para seu registro vocal.

Michael Chance é Professor Visitante do *Royal College of Music*.

fonte: <http://www.michaelchance.co.uk/Biography.htm>

---

# Akademie für Alte Musik Berlin

Stephan Mai *Spalla*

Kerstin Erben **Violino**

Thomas Graewe **Violino**

Georg Kallweit **Violino e Violino Solista**

Barbara Paulsen **Violino**

Midori Seiler **Violino e Violino Solista**

Verena Sommer **Violino**

Clemens Nuszbaumer **Viola**

Sabine Fehlandt **Viola**

Stephan Sieben **Viola**

Jan Freiheit **Violoncello**

Walter Rumer **Contrabaixo**

Xenia Löffler **Oboé**

Michael Bosch **Oboé**

Christian Beuse **Fagote**

Björn Colell **Alaúde**

Raphael Alpermann **Cravo**

SOCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA

Programa

**Concerto extraordinário**

24 de junho, quinta-feira, 21h

**Francesco Maria Veracini** (1690 – 1768)

**Abertura nº 6, em Sol menor**

Allegro • Largo • Allegro • Menuett

**Georg Friedrich Haendel** (1685 – 1759)

**Prelúdio e Ária “Cara sposa”,  
da ópera “Rinaldo”**

**Georg Friedrich Haendel**

**Ária “Despair no more shall wound me”,  
do oratório “Semele”**

**Johann Sebastian Bach** (1685 – 1750)

**Concerto para Dois Violinos, em Ré menor**

Vivace • Largo ma non tanto • Allegro

**Georg Kallweit e Midori Seiler** Violinos Solistas

**Georg Friedrich Haendel**

**Ária “Dove sei”, da ópera “Rodelinda”**

**Antonio Lucio Vivaldi** (1678 – 1741)

**Concerto em Ré menor para Dois Oboés**

Largo – Allegro • Largo • Allegro molto

**Georg Friedrich Haendel**

**Ária “Vivi tiranno”, da ópera “Rodelinda”**



## O Barroco

Maravilhar, envolver e seduzir: eis três verbos que nortearam a produção da maioria dos artistas durante mais de cento e cinquenta anos – digamos, entre 1600 e 1750 –, período que mais tarde se convencionou chamar de Barroco. Naquele mesmo instante em que as artes se dirigiram todas para os efeitos espetaculares, a própria música se quis espetáculo. Nasceram assim, por volta de 1600, a ópera, a cantata e o oratório. Teve-se com esses gêneros inéditos e inovadores a dramatização do discurso musical. Contrapondo-se à chamada “primeira prática” (a da polifonia estrita, vocal e sem qualquer acompanhamento de instrumentos), surgiu a inaugural “segunda prática” (na qual a melodia busca exprimir, concretizada em sons, a semântica do texto, acompanhada de acordes, de sons encadeados verticalmente segundo novas e precisas leis). Se no Renascimento a polifonia fora amplamente desenvolvida nos atuais Países Baixos, e dali exportada para o resto da Europa, alcançando o seu apogeu na Itália, no Barroco os novos e revolucionários processos surgiram na própria Itália, dali alcançando rapidamente todo o continente europeu.

Algumas das práticas musicais colocadas em pauta pelo Barroco demonstraram ser tão poderosas que muitas delas sobrevivem ainda hoje. Esse é bem o caso da harmonia. Com o temperamento igual, que aboliu a diferença sonora existente entre sustentidos e bemóis, ficou mais fácil normalizar os modos a partir de duas escalas básicas (a maior

e a menor), chegando-se à harmonia diatônica, baseada nessas escalas construídas com meios tons e tons inteiros. Ela continua sendo a mais duradoura das invenções da música ocidental, em uso ainda hoje em várias faixas da produção musical.

Vendo o Barroco sob o prisma da sua primeira criação formal, a ópera, percebemos que esse período vai das experiências da *Camerata Fiorentina*, como o "recitar cantando", às óperas de Monteverdi e às da Escola Napolitana, espetaculares no tocante à pirotecnia vocal. Com a expansão do gênero, vários centros se tornaram produtores de espetáculos operísticos, em geral baseados em matrizes peninsulares, sobretudo em terras de França, Inglaterra e Alemanha.

É importante lembrar que, da mesma forma, foi no Barroco que a música puramente instrumental se emancipou por completo da música vocal, passando a engendrar suas próprias formas. Com a expansão da imprensa, a música instrumental se beneficiou dessa invenção multiplicadora, passando a poder ser praticada não apenas na Igreja, nos teatros e nos salões aristocráticos como também em casa, para onde as partituras podiam ser levadas e executadas. No Barroco instrumental tem-se um amplo panorama que vai das tablaturas para alaúdes, das primeiras obras para órgão e cravo, às formas articuladas em vários movimentos – suítes, sinfonias e concertos. A música instrumental também se torna espetáculo: o *concerto grosso*, o concerto para solista e as obras para duas orquestras são bem provas disso. Nesse domínio, no qual houve um notável desenvolvimento da música de câmara, igualmente tiveram importante papel as obras pedagógicas, produzidas ora por professores, ora por grandes gênios.

Dessa maneira, pode-se perceber que a música instrumental enquanto linguagem autônoma nasceu durante o Barroco. Foi então que se alcançou, graças às múltiplas gerações de compositores, que foram de Frescobaldi a Scarlatti, o estágio no qual a arte dos sons acabou por ganhar uma coerência, que não mais precisava ter como ponto de partida o texto litúrgico ou literário. Das meras transcrições de madrigais para vozes à criação de complexos trios-sonata percorreu-se uma longa e muito frutífera trajetória, que continua deleitando os melômanos da atualidade. Igualmente é importante lembrar que foi durante o Barroco que se firmaram os estilos nacionais, notadamente o italiano, o francês e o alemão, que acabaram por se impor na Europa toda.

Algumas das mais cintilantes formas musicais do Barroco encontram-se nos concertos oferecidos ao público da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo pelo grupo alemão *Akademie für Alte Musik Berlin*, contando com a participação do contratenor Michael Chance.





## Os Compositores

### **Francesco Maria Veracini** (1690 – 1768)

Italiano de Florença, Veracini passou longas temporadas em Londres e Dresden, sendo muito admirado como grande violinista por toda parte onde se apresentasse. Além de um célebre tratado (“O Triunfo da Prática Musical...”), e de ter sido por vezes etiquetado de excêntrico e até mesmo de louco, ele nos deixou óperas, oratórios, cantatas e canções, música religiosa e um expressivo montante de música instrumental. Ainda que, como a maioria de seus contemporâneos, deva algo de sua linguagem a Arcangelo Corelli, o estilo de Veracini se sobressai pela clareza da forma e por uma notável invenção melódica, elementos que podem ser percebidos na sua Abertura nº 6.

### **Georg Friedrich Haendel** (1685 – 1759)

Tendo nascido no norte da atual Alemanha, Haendel passaria temporadas na Itália, na França e na Holanda, antes de se fixar em definitivo na Inglaterra. Ali, alcançou tal projeção, sobretudo graças às suas óperas e oratórios, que acabou por naturalizar-se inglês. Ainda que tenha escrito um nada negligente catálogo de obras instrumentais, foi no domínio vocal – sacro e profano – que o gênio de Haendel rebrilhou com mais força. O *Concerto Grosso* opus 3, nº 5, apresentado pela Academia de Música Antiga de Berlim pertence à coleção publicada em 1734. Levando em conta que Corelli havia criado o gênero cerca de meio século antes, Haendel aí se mostra um conservador,

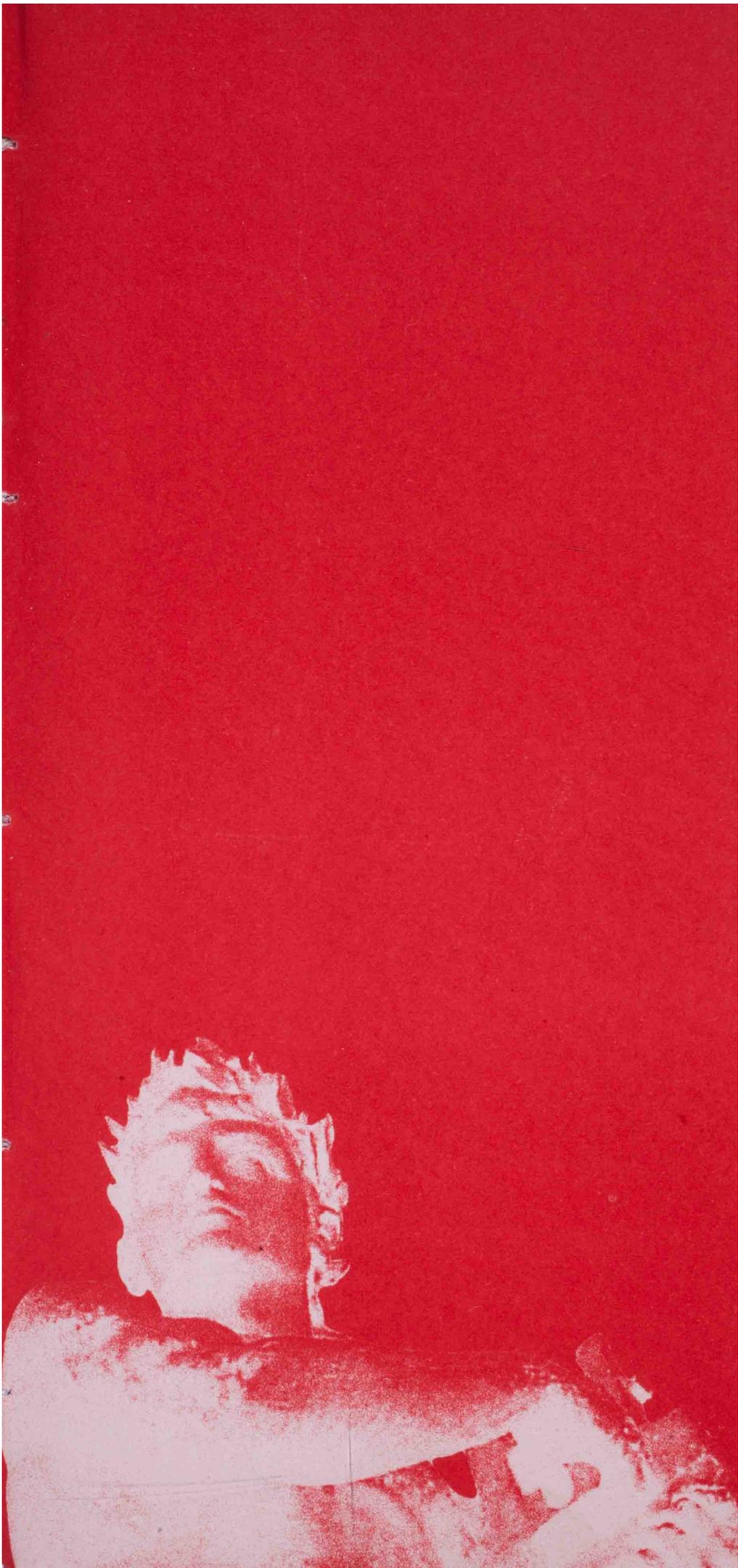
um retardatário. Entretanto, a música que a obra contém é de beleza tão extraordinária que, hoje, ninguém condena o compositor por ter-se dedicado ao *concerto grosso* tardiamente. Em contrapartida, tanto no passado quanto no presente, as árias de Haendel, retiradas de algumas de suas muitas óperas, sempre foram colocadas no cume da criatividade operística barroca. A quase totalidade delas segue o esquema A-B-A da ária *da capo* da época, em que a parte inicial da peça era reapresentada (com ou sem ornamentações) depois da parte contrastante.

### **Antonio Lucio Vivaldi** (1678 – 1741)

Depois de ter passado mais de um século e meio no esquecimento, a obra do novamente célebre “Padre Ruivo de Veneza” voltou a fazer parte do repertório musical do mundo inteiro (nesse sentido, talvez baste lembrar que a obra mais popular de todo o domínio da música erudita é a sua coleção de concertos *As Quatro Estações*). Dotado de incomum facilidade para compor, Vivaldi deixou-nos extensíssima produção em todos os gêneros existentes em sua época. No campo do concerto, assinou em torno de quinhentas partituras, das quais quase cinquenta foram destinadas a dois instrumentos, como o extrovertido e jovial concerto apresentado pelo grupo alemão. Melodias facilmente memorizáveis, harmonias coloridas e variada paleta expressiva, além de uma rítmica contagiante, fazem as delícias dos ouvintes.

### **Comentários por J. Jota de Moraes**

Edição Rui Fontana Lopez  
Design gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida / BVDA  
Traduções Sergio Tellarolli (alemão) e Eduardo Brandão (inglês)  
Fotos dos artistas Divulgação  
Assistente de design e fotos de monumentos Frederico Perret / BVDA



SOCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 196  
01303-010 São Paulo SP Brasil  
Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595  
[www.culturaartistica.com.br](http://www.culturaartistica.com.br)